

A Gramática do Português: algumas características e fatores inovadores e distintivos no âmbito das gramáticas portuguesas

(*Gramática do Português*, some characteristics as well as innovative and distinctive aspects when compared with other grammars of Portuguese)

Maria Fernanda Bacelar do Nascimento¹

¹Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL)

fbacelar.nascimento@clul.ul.pt

Abstract: The two first volumes of the *Gramática do Português* (45 chapters, 2.405 pages) were published in 2013. The third and last volume (containing 21 chapters) is in preparation. These volumes are the product of a project which is housed at the Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. This project, in turn, was commissioned by the Calouste Gulbenkian Foundation, which also provided its funding. The *Gramática do Português* is a reference work, and it benefits from the results of the most recent research in both general and Portuguese linguistics. This allows it to convey in-depth and current information on the most important areas of the grammar of contemporary Portuguese, while at the same time making it accessible to an educated public with diversified interests, but not necessarily specialized in linguistics.

Keywords: Portuguese grammar; innovative aspects.

Resumo: Em outubro de 2013, foram publicados os dois primeiros volumes da *Gramática do Português* (45 capítulos, 2.405 páginas), estando o terceiro e último volume (21 capítulos) em preparação. Essa publicação resulta de um projeto do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa realizado a convite e com o financiamento da Fundação Calouste Gulbenkian. Trata-se de uma obra de referência que beneficia dos resultados da mais recente investigação em linguística geral e em linguística portuguesa, e que permite, por isso, fornecer informações atualizadas e aprofundadas sobre os principais temas da gramática do português contemporâneo, tornando-as acessíveis a um público culto, não necessariamente especialista em linguística.

Palavras-chave: Gramática do português; fatores inovadores.

Esta conferência tem como objetivo dar a conhecer aspetos relevantes dos dois primeiros volumes recém-publicados da *Gramática do Português*, que resultam de um projeto do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), realizado a convite e com o financiamento da Fundação Calouste Gulbenkian (FCG). Foi expressamente solicitado por esta Fundação que a obra fosse dirigida a um leitor com instrução média alta, interessado em esclarecer dúvidas ou em aprofundar questões sobre a língua portuguesa para as quais não encontrasse resposta nas gramáticas existentes, por serem ou demasiado sucintas ou demasiado especializadas. Este leitor seria conhecedor, de modo intuitivo e informal, dos conceitos e da terminologia mais comuns utilizados pela abordagem tradicional da gramática (nome, verbo, sujeito, complemento direto, modificador adverbial, etc.), mas não teria conhecimentos linguísticos especializados (RAPOSO et al., 2013, p. XXXI).

A organização da *Gramática do Português* está a cargo de uma Comissão Organizadora de que fazem parte Eduardo Buzaglo Paiva Raposo (professor na Universidade da Califórnia – Santa Bárbara), Maria Fernanda Bacelar do Nascimento,

Maria Antónia Coelho da Mota, Luísa Segura e Amália Mendes (investigadoras do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa), com a colaboração de Graça Vicente e Rita Veloso. Na organização e verificação finais da bibliografia colabora Luísa Alice Santos Pereira.

Participam na Gramática 40 Autores de 12 universidades portuguesas e estrangeiras, que aceitaram colaborar neste ambicioso projeto do CLUL e cooperar com a Comissão Organizadora de modo a que esta obra atinja os objetivos pretendidos. São autores das seguintes universidades: em Portugal – Universidade de Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, Universidade do Minho, Universidade do Porto, Universidade de Coimbra, Universidade do Algarve, Universidade dos Açores; no Brasil – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal da Bahia e Universidade Estadual de Campinas; em Moçambique – Universidade Eduardo Mondlane; nos Estados Unidos da América – Universidade da Califórnia – Santa Bárbara e Universidade Estadual de Nova Iorque; na Suécia – Universidade de Estocolmo.

A Comissão Organizadora tem a seu cargo a conceção e organização da Gramática, para dar resposta ao convite da FCG, o que inclui revisões, comentários e propostas de reescrita dos capítulos apresentados pelos autores, de modo a estabelecer o equilíbrio e a coerência interna da obra, uma uniformização concetual e terminológica, o formato e organização dos capítulos, a relação entre as diversas partes e, por último, a harmonização dos estilos, tudo feito de modo a produzir uma obra que, sendo coletiva, se apresenta como um trabalho homogéneo.

Em outubro de 2013, foram publicados os dois primeiros volumes (45 capítulos, 2.405 páginas), estando o terceiro e último volume (21 capítulos) em preparação. Trata-se de uma obra de referência que beneficia dos resultados da mais recente investigação teórica e que permite, por isso, fornecer informações atualizadas e aprofundadas sobre os principais temas da gramática do português contemporâneo, tornando-os acessíveis a um público culto, não necessariamente especialista em linguística, com interesses em áreas muito diversificadas, de que se podem destacar investigadores, professores dos vários graus de ensino, alunos do ensino superior, tradutores, jornalistas e, enfim, todos os que se interessam pelo conhecimento e pela aprendizagem do português.

São objeto desta Gramática os principais aspetos históricos, geográficos, lexicais, sintáticos, semânticos, fonético-fonológicos, morfológicos e pragmáticos do português contemporâneo falado e escrito, de acordo com o seguinte “Plano Geral da Gramática”:

VOLUME I • Índice do Volume I • Introdução • Abreviaturas e siglas, Símbolos e convenções • Transcrição fonética • Autores do Volume I (CVs abreviados) • Parte 1 – História e geografia do português (história, mudança e variedades geográficas do português) • Parte 2 – Léxico (relações semânticas entre as palavras, estrutura e organização do léxico; processos de lexicalização e processos de gramaticalização) • Parte 3 – Sintaxe e semântica, com 9 grandes blocos • 3A – Propriedades gerais da frase • 3B – Tempo, aspeto, modalidade e modo • 3C – Classes lexicais e sintagmáticas • Referências bibliográficas do Volume I;

VOLUME II • Índice do Volume II • Autores do Volume II (CVs abreviados) • Parte 3 – Sintaxe e semântica (continuação) • 3C – Classes lexicais e sintagmáticas (continuação) • 3D – Frase composta e frase complexa • 3E – Construções sintáticas • 3F – Fenómenos de omissão e elipse • Referências bibliográficas do Volume II;

VOLUME III (em elaboração) • Índice do Volume III • Autores do Volume III (CVs abreviados) • Parte 3 – Sintaxe e semântica (continuação) • 3G – Concordância • 3H – Sintaxe, pragmática e discurso • 3I – Aspectos contrastivos entre o português do Brasil e o português europeu • Parte 4 – Morfologia • Parte 5 – Fonética e fonologia • Anexos • Referências bibliográficas do Volume III • Índice remissivo.

Em cada volume, temos a lista dos autores do volume, os índices pormenorizados do volume com os nomes dos autores dos capítulos e as referências bibliográficas (900 títulos no conjunto dos dois primeiros volumes) e em cada capítulo, o índice do capítulo, o tema e os objetivos desse capítulo, o desenvolvimento do tema subdividido em secções e subsecções, sempre com grande utilização de exemplos comentados (16.000 nos dois primeiros volumes), caixas sobre questões teóricas mais complexas ou sobre questões históricas ou etimológicas e auxiliares do texto, como as notas de rodapé e as fontes das abonações.

Numa perspetiva descritiva e não prescritiva, apresentam-se os principais aspetos da variedade culta do português europeu falado e escrito e incluem-se também capítulos e observações sobre as variedades brasileira e africanas, descrevendo-se as diferenças mais importantes destas variedades relativamente à variedade europeia. A língua é descrita como um sistema dinâmico, em constante mudança, no intuito de chamar a atenção dos leitores da Gramática para a heterogeneidade da língua e para a multiplicidade de usos do português.

Relativamente às outras gramáticas portuguesas, há nesta Gramática diversos fatores inovadores e distintivos, dos quais salientarei: a convergência entre o quadro descritivo tradicional e os resultados da análise linguística contemporânea; a profundidade com que são tratadas as questões e a inclusão de temas habitualmente não abordados nas gramáticas portuguesas ou abordados de forma breve; o importante lugar dado à variação linguística; a complementaridade entre os vários tipos de exemplos.

Convergência entre o quadro descritivo tradicional e os resultados da análise linguística contemporânea: mantendo as noções e as classes tradicionais, estabelece-se uma ponte concetual entre as gramáticas tradicionais e os resultados da análise linguística contemporânea. Neste sentido, são destacados os casos em que a análise apresentada difere da da gramática tradicional. Por exemplo, chama-se a atenção e explica-se o facto de os pronomes possessivos não serem considerados nesta Gramática como uma classe pronominal distinta, mas fazerem parte dos pronomes pessoais:

Os pronomes possessivos constituem a variante casual genitiva dos pronomes pessoais, na qual estes assumem uma forma especial que lhes permite funcionar adjetivamente quando têm a função de complemento ou de modificador de um nome [...]. Enquanto pronomes, os possessivos são equivalentes a um sintagma nominal completo, tanto sintática como semanticamente. (RAPOSO, 2013, p. 906)

Tal como nas gramáticas tradicionais o principal objeto de estudo desta Gramática é o português-padrão, mas, beneficiando do enorme desenvolvimento da linguística contemporânea no que se refere ao estudo dos usos da língua, são feitas observações sobre casos em que o uso não corresponde à norma-padrão, casos que, muitas vezes, geram dúvidas entre os falantes, pelo que importa mencioná-los e esclarecer as razões da diversidade desses usos, numa perspetiva descritiva e explicativa. Assim, pode ler-se:

A locução *a gente* [...], semanticamente, é de 1ª pessoa do plural (visto que é usada pelo falante para representar um grupo no qual se inclui), mas gramaticalmente é de 3ª pessoa do singular, na norma-padrão do português (cf. *a gente, logo, vai ao cinema*). Note-se, no entanto, que, para alguns falantes, num registo coloquial menos cuidado, *a gente* determina frequentemente concordância na 1ª pessoa do plural (cf. *a gente, logo, vamos ao cinema*), embora esta variante seja estigmatizada pela norma-padrão. (RAPOSO, 2013, p. 900; destaques do autor)

Outro exemplo de divergência relativamente à norma-padrão é o da concordância não normativa, mas em plena expansão na fala comum, que se observa no verbo *haver*, revelando instabilidade do estatuto impessoal do verbo. Ex.: “*nesta zona haviam muitas pessoas com epilepsia [...] (Jornal da Madeira, edição on-line)*”. “É importante assinalar que, nesse uso, o verbo *haver* é um verbo pessoal intransitivo, e não um verbo impessoal transitivo, já que o seu argumento único se realiza como sujeito, concordando em pessoa e número com o verbo” (GONÇALVES; RAPOSO apud RAPOSO 2013, p. 1.194). Dialelamente, até no Presente se regista este facto: “*Mas também hão vacas arraianas*”, ALEPG, Válega, Aveiro (SEGURA apud RAPOSO, 2013, p. 133).

Dado o enquadramento da gramática tradicional em modelos da linguística contemporânea menos conhecidos pelos falantes, é preciso não se perder de vista o público a que se destina, pelo que se evita ao máximo a utilização de aparatos formais e são explicados com clareza todos os conceitos e termos menos conhecidos desse público. Vejamos, por exemplo, a explicação clara e sucinta dada para o termo *merónimo*:

Um merónimo é uma palavra que denota uma parte incluída num todo maior. O termo que denota esse todo, por sua vez, chama-se holónimo. Por exemplo, as palavras *capa, contracapa e página* são merónimos de *livro* e, inversamente, *livro* é holónimo dessas palavras. (CHAVES apud RAPOSO, 2013, p. 205)

A profundidade com que são tratadas as questões e a inclusão de temas habitualmente não abordados nas gramáticas portuguesas ou abordados de forma breve: fruto dos resultados obtidos pela investigação linguística contemporânea e, em particular, pelos estudos realizados nas últimas décadas sobre o português, é possível tratar agora as questões gramaticais com um grau de profundidade não habitual até aqui em obras deste tipo e descrever fenómenos geralmente não abordados noutras gramáticas. Darei apenas alguns exemplos que me parecem paradigmáticos. Um é o do aprofundamento dado ao estudo da posição dos pronomes pessoais clíticos, tema que é objeto de grandes dúvidas e hesitações por parte dos falantes, que aqui podem encontrar para as suas questões respostas desenvolvidas e bem ilustradas com uma grande profusão de exemplos; outro exemplo é o do grande desenvolvimento dado ao estudo das classes lexicais, de que destacarei os oito capítulos autónomos dedicados ao tema “Nome e sintagma nominal”. Ao longo de mais de 400 páginas, encontramos uma introdução ao sintagma nominal, seguida dos capítulos sobre a semântica do sintagma nominal, sobre os determinantes, os pronomes, os numerais, os nomes comuns, os nomes próprios, e sobre os complementos, modificadores e adjuntos no sintagma nominal. No que respeita a temas geralmente pouco tratados noutras gramáticas, ou tratados de forma breve, salientarei os trabalhos sobre a organização do léxico, os processos de lexicalização, os processos de gramaticalização, a organização textual e articulação de orações e, ainda, os capítulos autónomos sobre os fenómenos de omissão e elipse, nomeadamente os estudos sobre a elipse, o sujeito nulo e o objeto nulo.

O importante lugar dado à variação linguística está presente quer em capítulos autônomos quer no interior de outros capítulos, por vezes em caixas destacadas tipograficamente. Como já foi dito, a língua é descrita como um sistema dinâmico, em constante mudança, no intuito de chamar a atenção dos leitores da Gramática para a heterogeneidade da língua e para a multiplicidade de usos do português. Nesta perspectiva, são postos em destaque diversos tipos de variação linguística, nomeadamente, variação histórica, geográfica, social, individual e de registo de língua. As informações acerca desses tipos de variação encontram-se ao longo de toda a Gramática ou são também objeto de capítulos específicos (sobre a variação histórica, capítulos 1 a 3, e sobre a variação geográfica, capítulos 4 a 7).

Ilustrarei, com alguns exemplos breves, a forma como se abordam diversos tipos de variação. Por exemplo, sobre a variação histórica, mencionarei o capítulo 2, “Fenómenos de mudança na História do Português”, da autoria de Rita Marquilhas. Neste capítulo, a propósito da natureza e difusão da mudança linguística e das mudanças na gramática e no léxico, encontra-se, por exemplo, a descrição da mudança na sintaxe das palavras negativas. Na Idade Média e até ao séc. XVI, tínhamos dupla negação, com sujeito pré-verbal: “vos *nada* *nom* sabedes” (Demanda do Santo Graal, sécs. XIII-XIV). As palavras negativas conservavam, em todos os contextos sintáticos, traços semânticos das palavras positivas. “Em português contemporâneo, a dupla negação só pode ocorrer quando a palavra negativa é um sujeito pós-verbal (*isso*, não sabe ninguém) ou então, um complemento (*não queremos nada*)” (MARQUILHAS apud RAPOSO, 2013, p. 39-40).

Ainda no âmbito da variação histórica, num importante capítulo de enquadramento do português no conjunto das línguas românicas, capítulo 3, “O Português no contexto das línguas românicas”, Rodolfo Ilari contrasta o português contemporâneo com as restantes línguas românicas e conclui:

Para compreender essas semelhanças e diferenças [entre as línguas românicas], pode ser útil, às vezes, recuar no tempo até reencontrar uma base comum que a história posterior desfez. Tal se fez neste capítulo, que em certos momentos evocou épocas em que toda a România, isto é, todo o território romanizado, apresentava uma relativa unidade; noutros, visualizou domínios mais localizados (o das línguas ibéricas, por exemplo); noutros, ainda, teve que lidar com diferenças dentro da própria língua portuguesa, assinalando que certos modos de construir as frases são próprios da variedade europeia ou da americana, ou têm numa dessas variedades um caráter de algum modo marcado. (ILARI apud RAPOSO, 2013, p. 65-66)

No que respeita à variação geográfica, salientarei o capítulo 5, “Variedades dialetais do Português Europeu”, de Luísa Segura, em que são descritos com um desenvolvimento que não se encontra em nenhuma gramática deste tipo os dialetos continentais, os dialetos insulares e os dialetos fronteiriços. Só para dar um exemplo dos muitos ensinamentos que podemos colher nesse capítulo, ficamos a saber, a propósito dos aspetos morfológicos e sintáticos dos dialetos portugueses, que, no português europeu, se observa, dialetalmente, o uso de gerúndios flexionados (sufixos flexionais de pessoa/número) principalmente nos dialetos centromeridionais: Exs.: “Logo, em *tu vindos*, tratamos do gado (ALEPG, Aljezur, Faro)” ou “Mas em se *separândomos*, o senhor pensa numa coisa e eu penso noutra (CORDIAL-SIN, Carrapatelo, Évora)” (SEGURA apud RAPOSO, 2013, p. 135).

São também de destacar os dois capítulos sobre a variedade brasileira: capítulo 6, “O português do Brasil”, de Rosa Virgínia Mattos e Silva, e capítulo 53, “Aspetos contrastivos do português europeu e do português do Brasil” de Maria Eugênia Lammoglia Duarte (este em preparação). No capítulo 6, faz-se a história sociolinguística do português do Brasil, com exemplos ilustrativos e notas comparativas com o português europeu de que podemos ver o seguinte exemplo:

[...] perda acentuada [do pronome *lhe* na] sua função como dativo [...] e o seu uso crescente, em certas variedades dialetais, como acusativo [...] na 2ª pessoa, correlacionado com o pronome sujeito *ocê*. – *Você* gosta mesmo de golfe! Eu *lhe* vejo sempre no clube. – (PE: Eu vejo-*o* sempre no clube.) Este *lhe* acusativo [...] alterna frequentemente com *te*, mesmo que o falante trate o seu interlocutor por *você*: *Você* gosta mesmo de golfe! Eu *te* vejo sempre no clube. (MATTOS E SILVA apud RAPOSO, 2013, p. 152-153)

E, ainda no âmbito da variação geográfica, importa referir o capítulo 7 sobre o “Português em África”, da autoria de Perpétua Gonçalves, em que são referidos os condicionamentos socio-históricos na formação das variedades africanas do português e são caracterizadas as variedades angolana (PA) e moçambicana (PM) do português, em confronto com o português europeu (PE), como pode ver-se nos seguintes excertos:

Em PM e em PA, a forma dativa do pronome pessoal de 3.ª pessoa ocorre frequentemente em contextos que em PE exigem as formas acusativas *o* e *a*. [...] PM – levam a miúda para o quarto, vestem-*lhe* (PE: *vestem-na*). PA – a minha mãe diz que *lhe* vão buscar e *lhe* vão levar todos os dias (PE: *a* vão). (GONÇALVES apud RAPOSO, 2013, p. 175)

ou
[...] em PM e em PA, dá-se a conversão de complementos preposicionados do PE em complementos diretos. [...] PM: chegou na sala, entregou *o emissário* a carta (PE: *ao emissário*); PA: depois dos resultados do recurso que dá razão *o clube encarnado* (PE: *ao clube*). (GONÇALVES apud RAPOSO, 2013, p. 167)

Sobre a variação social, não há nenhum capítulo específico, mas encontram-se informações ao longo da Gramática; assim, as descrições de certos usos fornecem-nos informações acerca de diferenças de tipo social dos falantes e também dos registos de língua utilizados, como se observa no exemplo “O meu telefone, *cujo fio [o gato roeu _],* deixou de funcionar”, do qual se diz, numa Nota:

A construção com *cujo* é preferida pelos falantes mais escolarizados, em registos formais. Nestes contextos, os falantes menos escolarizados (e mesmo alguns falantes escolarizados em situações informais) recorrem frequentemente a estratégias de relativização consideradas marginais (ou não canónicas), como a estratégia cortadora exemplificada em *o telefone [que o gato roeu o fio _] já foi para arranjar*. (VELOSO apud RAPOSO, 2013, p. 2095)

O mesmo acontece com a variação individual; por exemplo, a propósito do quantificador universal distributivo *cada*, explica-se que

[...] diferentes falantes manifestam diferentes opções relativamente à colocação dos pronomes clíticos, preferindo uns a próclise, outros a ênclise [...] variação idioletal; não existem fatores semânticos ou estruturais que determinem uma ou outra colocação. [...] Exs.: e cada vez *se vêem* maiores desentendimentos. (CRPC, PF 0725); e cada vez

veem-se maiores desentendimentos. Nota: Para a autora deste capítulo, a próclise é a única colocação possível nas frases em que o quantificador *cada* antecede o verbo. (MARTINS apud RAPOSO, 2013, p. 2253)

Complementaridade entre os vários tipos de exemplos: Os exemplos, muito abundantes (16.000 nos dois primeiros volumes, como já foi dito), visam essencialmente ilustrar a descrição dos factos linguísticos em discussão e são de tipo diferente e complementar, quer construídos pelos autores, quer recolhidos em diversas fontes textuais. É de destacar o uso de *corpora*¹ linguísticos, que não só serviram de base à recolha de exemplos citados, mas também à verificação de juízos dos autores e à determinação de frequências de uso para identificação de construções e de unidades multilexicais. Temos, então:

1. Exemplos construídos pelos Autores e, de entre estes, exemplos gramaticais, agramaticais (marcados com *), de gramaticalidade duvidosa (marcados com ?) e exemplos semântica ou contextualmente anómalos (marcados com #). Assim, acerca do quantificador universal *todos*, refere-se “a difícil colocação de uma expressão quantificada universalmente em posição pré-verbal, se o seu componente nominal não for modificado (preferencialmente, com uma modificação estruturalmente complexa)” e dão-se os seguintes exemplos: a. * *Todos os estudantes não foram à reunião*. b. ? *Todos os estudantes estrangeiros não foram à reunião*. c. *Todos os estudantes que tinham exame não foram à reunião* (PERES apud RAPOSO, 2013, p. 477).

2. Abonações extraídas de diversas fontes textuais, seguidas de informação sucinta da fonte e com a referência completa, no final de cada capítulo:

2.1. Recolhidas em fontes primárias, essencialmente literárias;

2.2. recolhidas em *corpora* eletrónicos: textos orais, formais e informais, registados em diferentes regiões e em diferentes situações de comunicação; textos escritos de obras literárias, técnicas, científicas, de artigos publicitários e artigos de jornais e revistas.

Para se ter uma ideia da diversidade de tipos de fontes textuais usadas, vejamos algumas das abonações recolhidas:

– Em textos medievais

Acerca dos pronomes clíticos, diz-se, no capítulo 2, que “Entre os sécs. XIII e XVI, [...] os pronomes clíticos podiam ocorrer tanto depois do verbo como antes do verbo, conforme os seguintes dados de Martins (2002)”:

¹ Principais *corpora* usados:

português europeu: CRPC, *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo, do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (<http://www.clul.ul.pt/en/research-teams/183reference-corpus-of-contemporary-portuguese-crpc>); CETEM Público, *Corpus* de Extratos de Textos Eletrónicos MCT/Público, Linguateca (<http://www.linguateca.pt/cetempublico/>); CORDIAL-SIN, *Corpus* Dialetal para o Estudo da Sintaxe, do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (<http://www.clul.ul.pt>); ALEPG, Arquivo sonoro do Atlas Linguístico Etnográfico de Portugal e da Galiza, do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

Português do Brasil: Amostras do Projeto NURC (Norma Urbana Culta), particularmente da amostra do Rio de Janeiro (www.ltras.ufrj.br/nurc-rj) e de variedades “populares” – níveis de escolaridade, abaixo do universitário (www.letras.ufrj.br/peul).

Português de Moçambique: *Corpus* PPOM, *Corpus* do projecto Panorama do Português Oral de Maputo (INDE).

E a donzela *foi-se* e deo agoa à rainha. (*Primeiro Livro de Linhagens*, séc. XIII) (E a donzela *foi-se* e deu água à rainha.); E a donzella *lhe disse* entom que achara um mouro doente. (ibid.) (E a donzela *disse-lhe* então que achara um mouro doente.); E elle *outorgou-lho*. (*Crónica Geral de Espanha*, séc. XIV) (E ele *outorgou-lho*.); E Rotas *lho outorgou*. (ibid.) (E Rotas *outorgou-lho*.). (MARQUILHAS apud RAPOSO, 2013, p. 35)

– Em textos dialetais do PE

Sobre o uso de gerúndio em perífrases verbais, diz-se, no capítulo 5:

Regista-se também como próprio dos dialetos do Sul o uso preferencial de perífrases verbais construídas com os auxiliares *estar* ou *andar* seguidos de gerúndio do verbo principal, para exprimir um valor aspetual durativo, incluindo o progressivo [...], situação em que o português-padrão usa o verbo auxiliar seguido da preposição *a* e do infinitivo no verbo principal.

A construção com gerúndio, mais antiga na língua (cf. Cunha e Cintra 1984:394), geralmente assinalada como uma das diferenças a nível sintático entre o português de Portugal e o português do Brasil, tem plena vitalidade nos dialetos do Alentejo, do Algarve, e também dos Açores e da Madeira. Há ocorrências registadas também no norte de Trás-os-Montes, nos distritos de Vila Real e Viseu. [Deste facto apresentam-se alguns exemplos como:] A mulher confirmou que realmente era verdade o que ele *estava dizendo*. (CORDIAL-SIN, Porches, Faro), Eu *estive morando* ao pé de Mértola. (CORDIAL-SIN, Aljustrel, Beja), Uma horta é uma quinta de fruta, *está percebendo*? (ALEPG, Fajãzinha, Flores, Açores), Era uma mulher que *andava pedindo*, não tinha casa. (CORDIAL-SIN, Carrapatelo, Évora), Aquilo que meu pai *lhe dizia*: que *tinha andado apastorando* ovelhas na serra. (CORDIAL-SIN, Fajãzinha, Flores, Açores), O rapaz *andou aprendendo* a ler e agora anda no estudo. (CORDIAL-SIN, Melides, Setúbal). (SEGURA apud RAPOSO, 2013, p. 136-137)

– Em textos literários do português europeu contemporâneo

A propósito da colocação dos clíticos em orações negativas, para ilustrar o contraste entre orações negativas e afirmativas, temos, no capítulo 42, o Ex. 17:

a. O patrão era mau, *batia-me*, não *me pagava* nada. (CRPC, J. Sena, Sinais); b. *Ouvi-lhe* os passos, mas não *me voltei*. (CRPC, J. Sena, Sinais); c. Eu não *me levantei* e *puxei-a* para mim. (CRPC, J. Sena, Grão Capitães); d. Não *me convidou*, *ordenou-me*, meu capitão (CRPC, L. Antunes, Fado). (MARTINS apud RAPOSO, 2013, p. 2242-2243)

– Em *corpora* do PB

No capítulo 53, sobre a posição dos pronomes clíticos em PB, refere-se que o português do Brasil conserva uma tendência observada no português europeu em estágios anteriores ao século XVII, quando a próclise era mais frequente que a ênclise, facto que é atestado pelos exemplos seguintes:

A música da comunhão era linda: “*te amarei*, Senhor, de todo coração; *te adorarei*, *te bendirei*, *te glorificarei*, Senhor...” (Fala culta – NURC-RJ), Ela andava muito desanimada. *Se queixava* demais do filho e da nora. (Fala culta – NURC-RJ). (DUARTE, no prelo)

– Em *corpora* de África

No capítulo 7, a propósito do encaixe do discurso direto, refere-se a presença, em português de Moçambique (PM), do complementador *que*, só usado em português europeu (PE) como introdutor do discurso indireto, como se pode ver nos exemplos seguintes:

PM: O presidente afirmou *que* não sei. Não conheço e não tenho plano. (*Notícias*) (PE: *afirmou que não sabia* ou *afirmou: “Não sei.”*); PM: Ismail Mussagy diz *que* “eu acho que todos os comerciantes sentem que é necessário continuar”. (*Notícias*) (PE: *diz que ele acha que todos [...]* ou *diz: “Eu acho que todos [...]”*). (GONÇALVES apud RAPOSO, 2013, p. 174)

Na *Gramática do Português*, encontra-se, pois, uma grande diversidade de temas gramaticais tratados com um nível de aprofundamento pouco comum entre as gramáticas portuguesas, utilizando as noções tradicionais para enquadrar os resultados da investigação gramatical contemporânea e tornando-os acessíveis a um leitor culto, com instrução acima da média. Uma das preocupações sempre presente é também demonstrar que a língua não é uma entidade monolítica, e que, quer seja observada num plano diacrónico quer num plano sincrónico, ela é essencialmente heterogénea e, em todas as épocas, suscetível de uma grande multiplicidade de usos, que variam de acordo com as diferentes características dos falantes e com as suas intenções comunicativas.

REFERÊNCIAS

- CHAVES, R. Organização do léxico. In: RAPOSO, E. B. P. et al. (Coord.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. cap. 8, p. 183-212.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1984. XV+734 p.
- DUARTE, M. E. L. Aspetos contrastivos do português europeu e do português do Brasil. In: RAPOSO E. B. P. et al. (Coord.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. cap. 53. No prelo.
- GONÇALVES, A.; RAPOSO, E. B. P. Verbo e sintagma verbal. In: RAPOSO, E. B. P. et al. (Coord.) *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. cap. 28, p. 1153-1218.
- GONÇALVES, P. Português em África. In: RAPOSO, E. B. P. et al. (Coord.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. cap. 7, p. 155-178.
- ILARI, R. O Português no contexto das línguas românicas. In: RAPOSO, E. B. P. et al. (Coord.) *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. cap. 3, p. 47-66.
- MARQUILHAS, R. Fenómenos de mudança na História do Português. In: RAPOSO, E. B. P. et al. (Coord.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. cap. 2, p. 15-45.
- MARTINS, A. M. The Loss of IP-scrambling in Portuguese: Clause Structure, Word Order Variation and Change. In: LIGHTFOOT, D. (Org.). *Syntactic Effects of Morphological Change*. Oxford/ New York: Oxford University Press, 2002. p. 232-248.
- MARTINS, A. M. Posição dos pronomes pessoais clíticos. In: RAPOSO, E. B. P. et al. (Coord.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. cap. 42, p. 2229-2302.
- MATTOS E SILVA, R. V. O Português do Brasil. In: RAPOSO, E. B. P. et al. (Coord.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. cap. 6, p. 143-154.

PERES, J. A. Negação In: RAPOSO, E. B. P. et al. (Coord.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. cap. 14, p. 459-498.

RAPOSO, E. B. P. Pronomes. In: RAPOSO, E. B. P. et al. (coord.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. cap. 23, p. 881-918.

RAPOSO, E. B. P.; BACELAR DO NASCIMENTO, M. F.; MOTA, M. A. C. da; SEGURA, L.; MENDES, A. (Coord.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. XLVII+XXIII+2409 p.

SEGURA, L. Variedades dialetais do português europeu. In: RAPOSO, E. B. P. et al. (Coord.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. cap. 5, p. 83-142.

VELOSO, R. Subordinação Relativa. In: RAPOSO, E. B. P. et al. (Coord.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. cap. 39, p. 2059-2134.